

A PROPRIEDADE DAS INDÚSTRIAS DE MÁQUINAS E IMPLEMENTOS AGRÍCOLAS NO RIO GRANDE DO SUL

Maria Cristina Passos Severo

Economista, Técnico da Fundação de Economia e Estatística.

No presente artigo, fazem-se algumas considerações sobre a propriedade das indústrias de máquinas e implementos agrícolas do Estado, buscando-se analisar a entrada de capitais estrangeiros nas principais empresas do setor no período 1968-78.

A primeira parte trata da evolução da indústria gaúcha de máquinas e implementos agrícolas e a sua importância dentro da categoria dos bens de capital. Essa indústria é uma das principais responsáveis pelo rápido crescimento apresentado pela referida categoria. A expansão acelerada da indústria de máquinas agrícolas foi fruto, em grande parte, dos estímulos recebidos através do crescimento da lavoura mecanizada no Estado, que se intensificou a partir de 1968, quando passou a demandar um maior número de máquinas destinadas à agricultura.

Na parte seguinte, examina-se a participação do capital nacional e do capital estrangeiro na indústria de máquinas e implementos agrícolas do Rio Grande do Sul, fazendo-se, quando possível, a determinação do país de residência dos grupos que controlam o capital das principais empresas que a integram, de maneira a proporcionar a localização do centro de decisões relativas à política empresarial.

Os dados utilizados na primeira parte do artigo foram retirados dos Censos Industriais-IBGE, e os da segunda parte provêm de fontes diversas que serão explicitadas no decorrer da análise.

1 — A Importância da Indústria de Máquinas e Implementos Agrícolas do Rio Grande do Sul

Antes de se analisar os aspectos referentes à propriedade das indústrias de máquinas e implementos agrícolas do Estado, torna-se necessário fazer algumas considerações sobre o progressivo aumento da sua importância, tanto em relação ao parque industrial gaúcho, como em relação à produção nacional de máquinas e implementos agrícolas.

As indústrias de bens de capital do Rio Grande do Sul apresentaram altas

taxas de crescimento no período 1949-70.¹ Dentre estas indústrias cabe destacar a Mecânica, que se apresentou muito dinâmica nas últimas duas décadas, constando-se, para tal gênero, um crescimento acima da média da Indústria de Transformação. As taxas anuais de crescimento acumulativo para a Mecânica foram de 11,11% para o período 1949-59, e de 18,68% para 1959-70, enquanto que para a Indústria de Transformação foram de 9,25% e de 6,75% respectivamente.² No que se refere à absorção de mão-de-obra, este gênero também apresentou um crescimento acelerado, principalmente entre 1959 e 1970.³ Resta ainda salientar que a Mecânica participava com cerca de 5% na produção industrial do Estado em 1970, ao passo que, em 1949, esta participação não alcançava 2%.⁴ Uma parcela significativa deste crescimento experimentado pela Mecânica deve ser atribuída à indústria de máquinas e implementos agrícolas, uma vez que esta apresentou um desempenho excepcionalmente favorável, chegando a responder por 36% da produção total do gênero em 1970, como é possível se verificar na Tabela 1.

Tabela 1

**Participação da indústria de máquinas e implementos agrícolas
na indústria mecânica do Rio Grande do Sul – 1950-70**

(%)		
ANOS	PESSOAL OCUPADO	VALOR DA PRODUÇÃO
1950	26,2	26,2
1960	31,0	30,8
1970	32,3	36,3

FONTE DOS DADOS BRUTOS: IBGE.

¹ As taxas de crescimento dessa categoria, nos períodos 1949-59, 1959-70 e 1949-70, foram, respectivamente, 18,37%, 16,30% e 17,28%. Vide: FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. 25 anos de economia gaúcha: análise da indústria de transformação do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1976. v.4, p.37-8.

² FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. 25 anos de economia gaúcha: análise da Indústria de transformação do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1976. v.4, p.37-8.

³ FEE, op. cit., nota 2, p.55.

⁴ FEE, op. cit., nota 3, p.36.

Observando-se, através da Tabela 2, a participação do Rio Grande do Sul na produção nacional de máquinas e implementos agrícolas, constata-se que, em 1950, o Estado era responsável por 11% da produção brasileira, passando para 32% em 1970. Sua produção era superada somente por São Paulo, sendo que nestes dois estados se localizavam 69% dos estabelecimentos produtores de maquinaria agrícola e absorviam cerca de 80% da mão-de-obra empregada.⁵ Deve-se ainda ressaltar que o Rio Grande do Sul sempre foi o principal produtor de colheitadeiras automotrizes do Brasil, ficando, em 1978, com 54,6% da produção nacional, como se observa na Tabela 3.

O rápido crescimento apresentado pela indústria de máquinas e implementos agrícolas do Estado deve ser atribuído, em grande parte, à intensificação da mecanização da agricultura gaúcha, através da recuperação da lavoura de trigo e do crescimento da de arroz, bem como da expansão acelerada da cultura de soja, a partir dos últimos anos da década de sessenta. Juntamente com tais eventos, uma política governamental de apoio, "através da isenção de impostos de fabricação, redução na taxa de juros e aumento nos prazos de financiamento para a aquisição de máquinas e implementos agrícolas, tornou-se um importante estímulo à ampliação da produção de equipamentos agrícolas"⁶. Assim, principalmente a partir de 1968, a indús-

Tabela 2

Participação do Rio Grande do Sul na indústria nacional de máquinas e implementos agrícolas – 1950-70

(%)		
ANOS	PESSOAL OCUPADO	VALOR DA PRODUÇÃO
1950	12,9	10,9
1960	19,0	16,3
1970	34,6	32,2

FONTE DOS DADOS BRUTOS: IBGE.

⁵ BRDE. A indústria de máquinas e implementos agrícolas no Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1975. p.1-14 (Estudos Econômicos, 6).

⁶ FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. 25 anos de economia gaúcha: a agricultura do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1978. v.3.

tria gaúcha de máquinas e implementos agrícolas passou a contar com um mercado de dimensões bem maiores que as de anos anteriores.

Tabela 3

Produção nacional de colheitadeiras automotrizes – 1965-78

(%)			
ANOS	RIO GRANDE DO SUL	OUTROS ESTADOS	BRASIL
1965	100	—	100
1966	100	—	100
1967	100	—	100
1968	97,6	2,4	100
1969	61,0	39,0	100
1970	67,6	32,4	100
1971	74,9	25,1	100
1972	79,3	20,7	100
1973	78,1	21,9	100
1974	79,6	20,4	100
1975	69,8	30,2	100
1976	72,3	27,7	100
1977	64,5	35,5	100
1978	54,6	45,4	100

FONTE DOS DADOS BRUTOS: Sindicato da Indústria de Máquinas Agrícolas no Estado do Rio Grande do Sul.

2 – A Propriedade das Indústrias de Máquinas e Implementos Agrícolas

De acordo com a caracterização legal, empresa estrangeira "é a pessoa jurídica estabelecida no país, de cujo capital com direito a voto, pelo menos 50% pertençam, direta ou indiretamente, à empresa com sede no exterior"⁷. No entanto esta carac-

⁷ BIATO, Francisco Almeida & GUIMARÃES, Eduardo Augusto de Almeida. Dois estudos sobre tecnologia industrial no Brasil. *Pesquisa e Planejamento Econômico*, Rio de Janeiro, IPEA, 3(1):154, mar. 1979.

terização de empresa estrangeira é considerada insuficiente em estudos que tratam do assunto, que incluem, além das empresas abrangidas pela definição legal, "as pessoas jurídicas com pelo menos 30% do seu capital de propriedade de residentes no exterior, desde que não haja nenhum acionista nacional com participação superior a do maior acionista estrangeiro"⁸. Considera-se, portanto, empresa estrangeira a pessoa jurídica estabelecida no País, mas com o seu centro de decisões localizado fora do Brasil. No decorrer da análise da propriedade da indústria de máquinas e implementos agrícolas no Estado, procurar-se-á identificar as empresas estrangeiras de acordo com a definição feita acima.

Por outro lado, tentar-se-á fazer algumas considerações sobre a centralização do capital nessa indústria, uma vez que a propriedade é um indicador deste movimento. Tem-se que o processo de centralização do capital se dá no âmbito dos capitais já formados através da perda de autonomia e aglutinação de capitais individuais e pela transformação de muitos capitais pequenos em poucos capitais grandes.⁹ Ocorre, portanto, uma redução no número de empresas, seja através de fusões ou absorções, com conseqüente desaparecimento das menores. Este fenômeno decorre da competição intercapitalista e está intimamente vinculado à concentração do capital. As empresas de grande porte, melhor equipadas e com condições internas mais favoráveis, são beneficiadas à medida que a competição intercapitalista tende a se agravar. O processo de centralização do capital na indústria de máquinas e implementos agrícolas será observado através das informações obtidas sobre a propriedade das empresas.

Os dados utilizados para a análise da participação do capital nacional e do estrangeiro na indústria de máquinas e implementos agrícolas do Estado foram pesquisados na Junta Comercial do Rio Grande do Sul. Esta pesquisa sobre a propriedade das empresas que integram a referida indústria foi conduzida com o intuito de determinar o país de residência das pessoas que controlam o capital destas empresas. Para tanto, foram listados os principais acionistas, ou cotistas, sejam nacionais ou não. Os anos considerados na pesquisa dependeram da fundação das empresas e das alterações de contratos registrados na Junta Comercial. Utilizaram-se, também, algumas informações fornecidas pelo Sindicato de Máquinas Agrícolas no Estado do Rio Grande do Sul, como a relação das empresas de máquinas e implementos agrícolas do Estado, a produção de colheitadeiras automotrizes para o período 1965-78 e o pessoal ocupado em 41 empresas para os anos de 1976 e 1977. Outras informações utilizadas foram retiradas do Cadastro Industrial elaborado pela CEDIC (Companhia de Desenvolvimento Industrial e Comercial do Rio Grande do Sul).

⁸ BIATO & GUIMARÃES, op. cit., nota 7, p.154.

⁹ TOLIPAN, Ricardo de M. L. *Tecnologia e produção capitalista*. São Paulo, Brasileiro de Ciências, 1975. p.39 (Estudos Cebrap, 11).

O Estado conta com 135 empresas produtoras de máquinas e implementos agrícolas, destacando-se desta relação cinco empresas como as principais fabricantes de colheitadeiras automotrizas e uma que se dedica à produção de tratores de pequeno e médio porte. As empresas restantes fabricam implementos agrícolas e equipamentos para beneficiamento primário.

Com relação ao primeiro grupo de empresas, as produtoras de colheitadeiras automotrizas e de tratores, foram pesquisadas as seis empresas quanto à propriedade de seu capital. Pela observação da Tabela 4, pode-se perceber que a presença de capital estrangeiro nessas empresas é bastante significativa, uma vez que respondia por 42% do seu capital social total em 1978. Tomando-se as empresas isoladamente, constata-se que duas já foram instaladas com o controle acionário de posse de grupos estrangeiros no final da década de sessenta. No decorrer do período em estudo (1968-78), estas empresas permaneceram com o seu controle localizado no exterior, verificando-se que, em 1978, o capital externo detinha cerca de 99% das ações com direito a voto. Em outras duas empresas deste grupo, foi constatada a presença de capital estrangeiro, sendo, no entanto, uma participação minoritária que fica em torno de 20 a 25% das ações com direito a voto em 1978. Nestas empresas, o referido capital instalou-se em épocas diferentes: numa, no final dos anos sessenta, e na outra, após 1975. Atualmente, somente em duas empresas produtoras de colheitadeiras automotrizas e de tratores não se verifica a presença de capitais externos. Entretanto, segundo informações de empresários ligados ao setor¹⁰, já existem negociações que visam à transferência do controle acionário de uma dessas empresas a grupos estrangeiros.

No caso da indústria de máquinas e implementos agrícolas do Rio Grande do Sul, somente duas empresas produtoras de colheitadeiras automotrizas podem ser identificadas como estrangeiras, conforme a caracterização feita anteriormente. Trata-se de empresas que estão vinculadas a capitais canadenses e argentinos. Ao se observar o capital social das empresas produtoras de colheitadeiras automotrizas e de tratores no Estado, excluindo-se as duas que já foram consideradas estrangeiras, pode-se perceber que a participação nas ações com direito a voto não chega a atingir 30%. Entretanto, conforme já foi assinalado, há perspectivas de que este quadro se modifique após as negociações com grupos estrangeiros que irão alterar o controle acionário destas empresas. Desta forma, o centro de decisões relativas à política empresarial interna está localizado fora do País somente em duas empresas produtoras de colheitadeiras automotrizas. Além de capitais do Canadá e da Argentina, observa-se também a presença de capitais oriundos da Alemanha e perspectivas de entrada de grupo dos Estados Unidos.

¹⁰ Conforme entrevista realizada em janeiro de 1979, no Sindicato da Indústria de Máquinas Agrícolas no Estado do Rio Grande do Sul.

Tabela 4

**Capital social das seis empresas produtoras de colheitadeiras
automotrizes e tratores do Rio Grande do Sul — 1978**

ESPECIFICAÇÃO	EM Cr\$ 1 000	%
Capital nacional	651 157	57,66
Capital estrangeiro	478 065	42,34
TOTAL	1 129 222	100,00

FONTE: Junta Comercial do Rio Grande do Sul.

As associações com capital externo, feitas pelo setor produtor de maquinaria agrícola, são conduzidas no sentido de propiciar a transferência de tecnologia para a fabricação de determinado produto, muitas vezes com intercâmbio de mão-de-obra, ou no de dar somente suporte financeiro à firma local.

Deve-se assinalar que o grupo de empresas produtoras de colheitadeiras automotrizes e de tratores reúne as maiores empresas do setor, tanto no que diz respeito ao montante de capital das firmas, quanto à absorção de mão-de-obra. Constatou-se, em 1978, duas empresas com capital social acima de Cr\$ 300.000.000,00, outras duas apresentaram um valor entre Cr\$ 150.000.000,00 e Cr\$ 210.000.000,00 e as restantes não chegaram a ultrapassar Cr\$ 15.000.000,00.¹¹ No que se refere ao pessoal ocupado, três empresas absorveram mais de 1.000 empregados, as outras empregaram menos de 500 pessoas em 1977.

Cabe ainda ressaltar que, do total de colheitadeiras automotrizes fabricadas no Rio Grande do Sul em 1978, aproximadamente 48% eram produzidas por empresas com participação de capital estrangeiro. Em 1975, ano de maior produção, esta participação atingiu 65%.

Tomando-se, agora, as principais empresas produtoras de implementos agrícolas e de equipamentos para beneficiamento primário¹², observa-se que somente

¹¹ "As empresas que se apresentaram com o maior volume de capital e reservas foram as do grupo II (tratores e colheitadeiras). . ." Vide: BRDE. **A indústria de máquinas e implementos agrícolas no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, 1975. p.2-16 (Estudos Econômicos, 6).

¹² A pesquisa quanto à propriedade do capital, neste grupo, atingiu somente 22 empresas.

uma foi instalada com capitais externos, devendo-se assinalar que sua produção inclui também a fabricação de colheitadeiras automotrizes, tendo sido, por isso, já analisada em parágrafos anteriores. As outras componentes deste grupo são de propriedade nacional, no entanto algumas já tentaram associações com grupos estrangeiros, o que não chegou a ser concretizado.¹³

As empresas produtoras de implementos agrícolas e de equipamentos para beneficiamento primário no Estado caracterizam-se, em sua maioria, por unidades produtivas de pequeno e médio porte.¹⁴ Das empresas pesquisadas somente uma absorveu mais de 1.000 empregados, apresentando um capital social em torno de Cr\$ 100.000.000,00 em 1978. Entre as outras empresas estudadas, apenas quatro empregaram mais de 300 pessoas, as restantes absorveram menos de 100 empregados em 1977. O capital social dessas empresas não chegou a ultrapassar Cr\$ 37.000.000,00 em 1978.

A Tabela 5 apresenta as participações do capital nacional e do estrangeiro nas empresas produtoras de máquinas e implementos agrícolas do Estado, divididas em médias e grandes empresas, para o ano de 1978. Considerando-se médias empresas as que empregam até 499 trabalhadores e grandes as com mais de 500 pessoas empregadas, pode-se perceber, através da referida tabela, que, no estrato das médias empresas, 12% do capital social pertencia a grupos estrangeiros, ficando os restantes de posse de capitais nacionais. Já nas grandes empresas, a participação do capital estrangeiro foi maior, atingindo cerca de 38% do total do capital social destas empresas.

Antes de finalizar este estudo sobre a propriedade das empresas produtoras de máquinas agrícolas no Estado, caberia fazer algumas considerações sobre o processo de centralização do capital ocorrido nessa indústria.

Durante o período de acelerado crescimento da indústria, que ocorreu após 1968, observa-se a instalação de empresas estrangeiras e de novas unidades produtivas nacionais¹⁵, bem como o rápido crescimento de outras já existentes. É de se supor que as empresas produtoras de maquinaria agrícola passaram a produzir com elevada sofisticação técnica, sendo que as inovações tecnológicas adotadas, de uma maneira geral, ocorreram sob a forma de transferência tecnológica por parte das firmas estrangeiras associadas às empresas locais. Deve-se evidenciar que as novas técnicas de produção eram acessíveis somente às empresas de grande porte. Esses

¹³ Conforme declarações de empresários ligados ao setor: DESGAUCHIZAÇÃO de indústrias no setor de máquinas agrícolas. *Jornal do Comércio*, Porto Alegre, 16 fev. 1978. p.

¹⁴ "O grupo I, de indústrias cujos produtos principais são os implementos, conta com empresas de todos os tamanhos, predominando as de pequeno porte". Vide: BRDE. A indústria de máquinas e implementos agrícolas no Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1975. p.2-25 (Estudos Econômicos, 6).

¹⁵ Dentre as empresas pesquisadas, dez foram fundadas depois de 1965.

Tabela 5

Capital social das empresas produtoras de máquinas e implementos agrícolas do Rio Grande do Sul -- 1978

(%)

EMPRESAS (1)	CAPITAL NACIONAL	CAPITAL ESTRANGEIRO
Médias (até 499 empregados)	88,22	11,78
Grandes (500 ou mais empregados)	61,67	38,33

FONTE: Junta Comercial do Rio Grande do Sul.

(1) Os dados referem-se às 27 empresas pesquisadas.

fatos, no entanto, não chegaram a impedir os crescimento das pequenas empresas, que, devido à ampliação do mercado, continuaram acompanhando a evolução das maiores. Entretanto estavam criadas as condições para iniciar um movimento de centralização do capital, e, quando a indústria entra em crise⁶ em 1977, a concorrência se acirra e as pequenas empresas, não possuindo condições para enfrentá-la, acabam fundindo-se ou desaparecendo. É quando se constata que várias empresas da indústria entram em falência, ou tentam associar-se a outros capitais, sejam nacionais ou não. O movimento de centralização do capital, que se acentua num momento de crise das empresas, tende a aumentar cada vez mais a massa de capitais em poder de um número reduzido de empresas.

Para finalizar essas considerações, cabe afirmar novamente que a propriedade das indústrias de máquinas e implementos agrícolas apresenta algumas modificações no período 1968-78, quando seu ritmo de expansão foi acelerado. Como foi visto anteriormente, o rápido crescimento experimentado por esta indústria foi consequência, principalmente, da expansão das lavouras mecanizadas no Estado e dos incentivos governamentais recebidos. Verificou-se, portanto, um significativo au-

⁶ Para maiores esclarecimentos sobre o desempenho da Indústria de Máquinas Agrícolas no Rio Grande do Sul neste período, vide o estudo de Maria Heloisa Lenz, sobre este assunto, nesta revista.

mento na procura por maquinaria agrícola, fazendo com que a indústria se orientasse no sentido de responder a esta demanda. Assim, a indústria formada, até então, por pequenos estabelecimentos, produzindo em moldes exclusivamente artesanais, passou a apresentar algumas empresas de maior porte, com uma produção de nível relativamente elevado de sofisticação técnica. A implantação de empresas estrangeiras teve um papel bastante importante no sentido de dar maior dinamismo ao processo de crescimento experimentado pela indústria, considerando-se que foram instaladas unidades de produção de grande porte e, portanto, detentoras de tecnologias mais avançadas que as já existentes. O capital estrangeiro deve ter sido atraído, nesse período, pela perspectiva de lucros elevados, assim como pela ampliação do mercado. Algumas empresas locais efetuaram também associações com grupos estrangeiros, a fim de superarem as dificuldades financeiras surgidas, bem como tiveram que se fortalecer para fazer frente à concorrência. Não dispondo de conhecimentos técnicos e, muito menos, de recursos necessários, a opção que se apresentava na época era a associação com capitais externos, que, de certa forma, resolveria ambos os impasses.

Deve-se ressaltar ainda que o capital estrangeiro implantou empresas e se associou com firmas locais no considerado setor de ponta da indústria de máquinas agrícolas, ou seja, nas empresas produtoras de automotrizes e de tratores. As pequenas empresas de implementos agrícolas continuaram dependendo das grandes empresas produtoras de tratores, principalmente as de São Paulo, uma vez que os implementos devem ser fabricados em condições de se adaptarem ao trator para serem utilizados.

Essa tendência à centralização do capital na indústria de máquinas e implementos agrícolas do Rio Grande do Sul agravou a situação das empresas de pequeno porte, sem condições de enfrentarem uma concorrência intercapitalista, em benefício das maiores, sendo que algumas são de propriedade de capitais estrangeiros ou suas associadas.